

Caro Alves, o Castro

Antonio Naddeo

CARO ALVES, O CASTRO

Caro Castro de “O Navio negreiro”,
de “Vozes D’África” e “O Gondoleiro”,
de “Prometeu” e “Durante um temporal”,
Não temos, hoje, o horrendo crime
da escravidão que prende, mata e oprime;
temos, porém, as leis do capital.
Uma forma de força e agressão.
com enorme poder de opressão.
e nenhum freio ético, ou moral.
Já não temos, nos grandes tombadilhos,
as legiões de homens maltrapilhos
descritos como “em sangue a se banhar”.
Nem capitães que em meio a nevoeiros,
a praguejar ordena aos marinheiros:
“Vibrai rijo o chicote, fazei-os mais dançar”.
Já não existe mais o “brigue imundo”,
nem de Colombo o “trilho ao Novo Mundo”
aberto em “vagas de indomável mar”.
Temos barcos, imensos e pesados,
com motores e marujos bem treinados
que nos mares os fazem navegar.
Não mais a “multidão que cambaleia”,
mas “presos a uma só cadeia”

há “containers” contados por milhão
e dentro deles, inúteis, miseráveis,
as peças e produtos descartáveis,
símbolos venais de nova religião.
No teu tempo, meu casto amigo Castro,
alguém com um veleiro de um mastro
tinha, por reino, o “pélago profundo”.
Hoje, porém, o dono de ações,
e de cifras que chegam aos bilhões,
reina no espaço e reina em todo o mundo

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/caro-alves-o-castro>